

CABELO CRESPO E MULHER NEGRA: A RELAÇÃO ENTRE CABELO E A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE NEGRA

Geisiane Cristina de Souza Freitas *

CRESPO HAIR AND BLACK WOMAN: THE RELATIONSHIP BETWEEN THE HAIR AND THE CONSTRUCTION OF BLACK IDENTITY

Resumo

Constituiu como principal objetivo desta pesquisa a verificação do impacto do racismo na construção da identidade da mulher negra no que diz respeito ao cabelo crespo. O objeto de estudo foram mulheres negras que são discentes da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE) dos cursos de Ciências Sociais, História e Educação Física, a pesquisa foi abordada através do método qualitativo com o uso de entrevistas para investigar a relação do cabelo crespo com a construção da identidade negra. O objetivo geral deste estudo foi entender como o processo de usar o cabelo crespo natural se relaciona com a afirmação da identidade negra da mulher. Os objetivos específicos foram: identificar o momento de ruptura com o alisamento capilar e analisar como o processo de transição capilar recompõe a afirmação da identidade da mulher negra. A partir dos apontamentos feitos por elas foram discutidos os conceitos de raça, racismo, identidade, estética e estética negra e como este hiato impacta na subjetividade e na percepção delas sobre suas respectivas identidades. Após reflexões baseadas nos dados teóricos levantados e na pesquisa feita com as participantes desta produção chegou-se ao entendimento que no caso desta obra a estrutura influenciou a construção identitária do indivíduo.

Cabelo Crespo. Identidade. Mulher Negra. Racismo.

Abstract

The main goal of this research is to verify the impact of racism over the identity construction of the black woman with respect to curly hair. The study object were the black woman students of the Rural Federal University of Pernambuco on the courses of social sciences, history and physical education. The research approach was carried out through a qualitative methodology with special use of interviews. With this study, as a general goal, we aim to understand how the process of using the curly hair in it's natural state is related to the establishment of the identity of the black woman. The derivative goals were: to identify the moment of rupture that is characterized by the hair straightening and to analyze how the process of the hair tipe transition recomposes the identity affirmation of the black woman. From the notes made by them the concepts of race, racism, identity, aesthetics and black aesthetics were discussed complemented by how this hiatus impacts on their subjectivity and perception of their respective identities. After thought reflection based on the theoretical data collected and the research done with the participants of this production came the understanding that, in the case of this work, the structure influenced the identity construction of the individual.

Curly Hair. Identity. Black woman. Racism.

* Pesquisadora na área de Sociologia atuando principalmente nos seguintes temas: raça, gênero e feminismo interseccional. Ademais, vivência em equipe técnica social no projeto PAC Beberibe, e em campo com pesquisas atreladas à disciplina de Etnografia da UFRPE. E-mail: geisianecristina93@gmail.com

INTRODUÇÃO

A pesquisa em questão verificou o impacto do racismo na construção da identidade da mulher negra tomando como base o cabelo crespo. A proposição para ponto de partida desta discussão é a concepção da formação do povo brasileiro. Encontramos diversas produções acadêmicas que dão conta da miscigenação. Em algumas destas, a miscigenação é exaltada como uma característica enriquecedora por conta da pluralidade cultural, em outras, ela é apontada como o problema que dá origem aos atrasos no desenvolvimento de nosso país¹.

A diversidade, sem dúvidas, nos legou um grande arcabouço cultural, e mesmo nas produções intelectuais que exaltam a diversidade populacional de nosso país, encontramos um grande problema: a omissão da relação de poder existente entre as raças que compõem o povo brasileiro.

Esta relação desigual entre as raças implica em uma estrutura social racista onde o branco europeu é posto no topo da cadeia em detrimento do negro e do indígena. A origem do racismo em nosso país pode ser considerada a partir do momento da colonização europeia, onde os portugueses desembarcaram no Brasil e impuseram seus hábitos culturais, religiosos, sociais, políticos, entre outros (RIBEIRO, 1995).

A estética é uma das instâncias em que o racismo também opera, uma vez que está vinculada ao padrão eurocêntrico². Levando tudo o que se diferencia deste padrão à margem, a estética marginalizada passa a ser vista como pejorativa e os indivíduos atrelados a ela são lidos como seres de aparência subalterna em relação aos sujeitos que estão dentro da estética padronizada.

As mulheres negras compõem um dos grupos que tem sua estética

¹ Intelectuais como Nina Rodrigues (1932) e Sílvio Romero (1888) argumentavam que a multiplicidade de raças, ou seja, a miscigenação era elemento responsável pelo atraso do desenvolvimento da sociedade brasileira. Ademais, teorias eugenistas foram fundamentais para a criação de políticas de branqueamento que eram pautas na imigração europeia com o objetivo de miscigenar a população com genes brancos e, assim, construir uma sociedade brasileira superior, uma vez que a população negra, a qual era atribuída inferioridade e negatividade seriam eliminadas.

² Termo que diz respeito à influência política, econômica, cultural, social etc. da Europa, que seria o centro da sociedade moderna, sobre as regiões colonizadas por países como Portugal e Espanha. Com autores como Edward Said, as correntes pós-coloniais criticam esta visão e tecem argumentos que questionam esta perspectiva europeia da história.

estigmatizada. São constantes as associações de seus cabelos crespos a termos depreciativos, como “cabelo duro”, “cabelo ruim”, “cabelo de fuá”, “cabelo de bicho” etc. Diante deste cenário, as mulheres negras enfrentam a discriminação estética usando o cabelo como objeto político, indo contra a lógica hegemônica a partir do momento em que decidem utilizar o cabelo crespo de forma natural, isto é, sem alisamentos.

Mito da Democracia Racial

A partir literatura levantada, observamos que de acordo com Gilberto Freyre (1933) o êxito do desenvolvimento do Brasil viria através da convivência entre os povos, isto é, a multirracialidade, a morenidade do povo brasileiro seria os elementos comprobatórios da relação fraternal entre as raças. Ademais, esta multirracialidade, para Freyre, seria a melhor contribuição para a sociedade brasileira.

Este mesmo autor possuía uma visão positiva acerca da miscigenação, no entanto, a crítica tecida à sua obra diz respeito à contribuição para o surgimento do mito da democracia racial, uma vez que sua obra ignora as turbulências na convivência entre as raças, e relata esta convivência com formas pacíficas e fraternais entre branco europeu, índios, negros e mestiços.

Para Florestan Fernandes³ (1965), o discurso de que não existe a relação de poder nas interações entre os indivíduos de raças e etnias diferentes do Brasil, trazem situações discriminatórias de cunho racial desde o período colonial. Florestan argumenta que as antigas formas de dominações patrimonialistas afetaram a formação da democracia no que diz respeito à ordem social e racial e, até a contemporaneidade, há resquícios daquela antiga relação.

Sobre esse fenômeno, tal autor o intitula como mito da democracia racial, o qual tem a função de desarticular a comunidade negra uma vez que contribui para que as reivindicações feitas pelos negros não sejam vistas como legítimas. Conforme Pinho e

³ A partir da perspectiva pós-colonial temos teorias que dissertam que Florestan Fernandes ao encarar a questão da desigualdade racial atribuindo a ela resquícios da organização social e à divisão social do trabalho anterior, ignora o racismo, mesmo que sem intenção, pois o trata de maneira ilusória uma vez que ele se utiliza de uma visão marxista e usa o conceito de classes para justificar as diferenças sociais raciais. Ou seja, o critério para a desigualdade seria a classe, não a raça. Neste contexto a raça seria um resquício, nas palavras de Florestan, “das antigas formas de dominação patrimonialista”.

CABELO CRESPO E MULHER NEGRA:

Sansone (2008) explicam, a democracia racial é apenas o discurso de dominação política e algo simbólico, o que é posto em prática é a discriminação racial sistemática dos negros.

Afinal de Contas, o que é Raça?

Durante um bom tempo, a ciência de modo geral contribuiu de maneira negativa para os estudos de raça quando, no passado, colaborou com a perpetuação do entendimento de que os seres humanos possuíam características genéticas superiores e inferiores em relação uns aos outros. (RODRIGUES, 1932).

O desenvolvimento do conceito de raça teve início na metade do século XIX, quando o botânico Augustin Pyrame de Candolle passou a utilizar o termo em suas Leis de Nomenclatura. De acordo com a ótica da ciência biológica, a definição de raça consiste em um grupo endogâmico, incluindo subgrupos taxonômicos como as subespécies, taxonomicamente subordinando às espécies e superordenado a uma sub-raça, marcado por um perfil pré-determinado de fatores latentes de traços hereditários.

Ainda no século XIX, a corrente do Evolucionismo Cultural surge como um expoente da antropologia. Tal corrente difundia a existência de uma unidade psíquica do ser humano, sendo assim, todos os seres humanos passariam por estágios de desenvolvimentos unilineares, isto é, todos os povos passariam por estágios de desenvolvimento sociocultural semelhantes, do mais primitivo modo de vida ao mais complexo (TYLOR, 2009).

Ademais, o Evolucionismo Cultural considerava que as sociedades seriam sujeitas às mesmas leis que regiam organismos dos corpos vivos, e que evoluiriam do estado mais simples para estágios evolutivos mais complexos através da cultura que era tomada a partir de “princípios gerais”. Desta forma, as sociedades e, por extensão, as raças, estariam em diferentes estágios de progresso. Sendo assim, as diferenças adviriam do resultado do maior ou menor progresso dos povos. Desse modo, seria possível conhecer o passado da humanidade bastando investigar os povos mais “primitivos” (TYLOR, 2009).

Um dos grandes nomes desta corrente foi o antropólogo Lewis Morgan (1877), que apresentou uma teoria que dissertava que os seres humanos eram divididos em três estágios: a selvageria, o barbarismo e a civilização. Como consequência, foi difundido que existiam superioridades e inferioridades entre as raças, isto é, descrevendo hierarquias entre as raças.

De acordo com Munanga (1990), a classificação do ser humano em raças vem da necessidade de explicar cientificamente a variabilidade humana, além de servir para a operacionalização do pensamento. O problema, para ele, é que esta operacionalização do pensamento implicou na hierarquização das raças, pavimentando o caminho para o racismo.

A fim de evitar conclusões ambíguas ou pouco elucidativas, o estudo acerca do termo raça deve ser abordado através do conceito analítico que consiste em ter o sentido no mundo prático, isto é, o contexto é que dá significado e relevância para o tema estudado. As raças são construções sociais, fazem parte da cultura simbólica, sendo assim, as hierarquizações delas são executadas nas relações praticadas pelos indivíduos e devem ser investigadas na perspectiva prática (PINHO & SANSONE, 2008).

Racismo

Há inúmeros debates acerca da existência ou não do racismo e à respeito de seu impacto sobre os sujeitos. Mas afinal de contas, o que é racismo? De acordo com Munanga (2003), é um sistema de hierarquização que discrimina o indivíduo a partir de suas características raciais e étnicas, é a forma de valoração de determinados indivíduos a partir dessas características. Em termos biológicos, o racismo pode se apresentar como genótipo ou fenótipo. Nas palavras dele:

“Com efeito, com base nas relações entre “raça” e “racismo”, o racismo seria teoricamente uma ideologia essencialista que postula a divisão da humanidade em grandes grupos chamados raças contrastadas que têm características físicas hereditárias comuns, sendo estas últimas suportes das características psicológicas, morais, intelectuais e estéticas e se situam numa escala de valores desiguais. Visto deste ponto de vista, o racismo é uma crença na existência das raças naturalmente hierarquizadas pela relação intrínseca entre o físico e o moral, o físico e o intelecto, o físico e o cultural. O racista cria a raça no sentido sociológico, ou seja, a raça no imaginário do racista não é exclusivamente um grupo definido pelos traços físicos. A raça

CABELO CRESPO E MULHER NEGRA:

na cabeça dele é um grupo social com traços culturais, lingüísticos, religiosos etc. que ele considera naturalmente inferiores ao grupo a qual ele pertence". (MUNANGA, 2003, p. 08)

Para Guimarães (1995), racismo é um sistema em que o negro é posto em caráter de subalternidade diante do branco, seja em termos econômicos, sociais, culturais, estéticos, entre outros. Um dos aspectos que contribui para o estabelecimento do racismo é a reverberação da ideia de que ele é inexistente, pois isso o banaliza e dificulta seu enfrentamento. Na experiência brasileira, o racismo é pautado na questão do fenótipo, ou seja, de acordo com as características físicas do sujeito, isto é, cabelo, traços faciais, formas corporais e cor da pele.

De acordo com o Painel de Indicadores do SUS (2016), o racismo pode ser dividido em duas categorias: a primeira é o racismo interpessoal, a outra categoria é o racismo institucional. A primeira diz respeito aos comportamentos do âmbito das relações pessoais, quando indivíduos discriminam outros por os considerarem de raças subalternas. Dessa forma, diz respeito a comportamentos discriminatórios, ou seja, comportamentos hostis, desrespeitosos e excludentes, que ocorrem entre as relações dos indivíduos. Além disso, diz respeito, também, a julgar competências e habilidades de acordo com a raça que o indivíduo pertence.

A segunda categoria, a Institucional, refere-se ao tratamento que o Estado, representado pelas instituições, oferece às pessoas de raças estigmatizadas. Quando este tratamento deixa lacunas, demonstra o fracasso das instituições e organizações em prover serviços profissionais e adequados aos indivíduos de raças, culturas e religiões estigmatizadas. Este tipo de racismo se manifesta em comportamentos, práticas e normas discriminatórias adotadas em ambientes de trabalho, por exemplo, e são motivados por crenças em estereótipos racistas.

A nossa estrutura social, desde os primórdios, é alicerçada em concepções eurocêtricas acerca das raças. O impacto desse histórico é visto até os dias atuais através das influências racistas em diversos âmbitos de nossa sociedade. Como veremos mais adiante nesta produção, a construção da subjetividade também está sujeita ao poder do racismo.

Identidade

Partindo da ótica de que a estrutura determina o indivíduo⁴, uma estrutura com alicerces racistas constrói sujeitos que constituem suas subjetividades baseadas em racismo. Para Boaventura (1994), a identidade é plural e existem hierarquias entre as diferenças que estas identidades possuem. Esta hierarquização leva ao questionamento do indivíduo em relação a sua identidade e, de certa forma, ao fazer esta indagação, o indivíduo se coloca no lugar de subordinação em relação a outro, que dentro da hierarquia, possui uma posição tida como superior. Por isso, ele afirma que a identidade é semi-fictícia e semi-necessária.

Ademais, o autor disserta sobre a relação entre identidade, mercado e Estado liberal. Para Boaventura, o espaço conquistado pela subjetividade individual possui relação direta com o princípio de Locke e Adams, de propriedade privada e de mercado. Isto é, com a ascensão da ideia de individualidade proposta pelos conceitos liberais de Estado e mercado, o sujeito tem a sua identidade moldada de acordo com as vontades do sistema econômico e político. Sendo assim, o indivíduo que não corresponder a esse esquema de identidade pautado no mercado e Estado liberal será colocado à margem dessa estrutura “porque o seu comportamento se desvia abissalmente das normas da fé e do mercado”.

Para Stuart Hall (2005), a identidade passa pelo conceito de “crise de identidade”. Esta é o reflexo das mudanças estruturais na construção de identidades. Ou seja, as identidades que por longos tempos se apresentavam de determinada forma, estão sofrendo mudanças por conta das modificações nas estruturas sociais, essas mutações levam a fragmentação das identidades que antes eram entendidas como algo unificado.

⁴ O autor Pierre Bourdieu (1930 – 2002) defende que existe uma relação dúbia entre o indivíduo e a sociedade, para explicar melhor isto, Bourdieu (2011) cunha o termo *habitus*, que nas palavras dele é “um sistema de disposições socialmente construídas que enquanto estruturas estruturantes constituem o princípio gerador e unificador do conjunto das práticas e ideologias características de um grupo de agentes”. Isto é, a forma de agir do ator social é socialmente constituída, a sociedade é o agente responsável por dar as condições para que determinadas situações ocorram. Estruturas estruturantes quer dizer que são estruturas sociais que cercam o indivíduo (Estado, Igreja, Polícia) e que são introjetadas pelo indivíduo ao passo que o indivíduo estrutura o exterior, ou seja, as estruturas sociais.

CABELO CRESPO E MULHER NEGRA:

Além da questão da “crise de identidade”, Hall argumenta na forma como a identidade é construída e como a estrutura social impacta nessa construção. O autor chama esse processo de “modelo sociológico interativo”, o que consiste na forma como o mundo exterior é internalizado pelo indivíduo e como o mundo interior do indivíduo é apresentado ao mundo exterior, isto é, a relação entre sociedade e indivíduo é uma via de mão dupla.

A partir do levantamento bibliográfico entende-se que, durante o processo de construção da subjetividade da mulher negra, a identidade deste indivíduo sofre com interferências negativas, uma vez que a estrutura racista direciona à estética de pessoas negras termos depreciativos. O efeito do racismo nas identidades é tão perverso e danoso que, mesmo sujeitos que não se reconhecem enquanto pessoas negras, sofrem as consequências de estarem à margem de uma cultura hegemônica uma vez que o sistema estrutural os lê como o desvio da norma padrão.

O padrão Estético e a Estética Negra

O conceito do termo belo é mutável de acordo com a sociedade em que está inserido. Além disso, interfere diretamente no que uma determinada estrutura social dita como padrão estético, que por sua vez também possui o elemento da mutação. A partir do século XX a estética e o belo passam a ter a padronização de uma maneira mais global e menos espaçada, as tendências do que é belo passam a ter vigência por décadas, não mais por séculos, como aconteciam às civilizações egípcias, gregas e romanas, por exemplo. (KURY; HANGREAVES; VALENÇA, 2000).

Nas sociedades contemporâneas, os corpos perdem o significado de templos, e ganham significado de objetos de mercado. Com a expansão da industrialização e a globalização, além do processo de aculturação entre as sociedades, onde as culturas se difundem e se permutam, a indústria fez do corpo um nicho de mercado. Aos corpos femininos foram atribuídos a estética da magreza, cabelos longos e lisos, peles claras etc. (MATARAZZO, 1998).

Todos os indivíduos são submetidos, desde antes da idade média, à estética vigente e à padronização do contexto das sociedades em que vivem. No entanto, as

mulheres são imensamente mais atingidas pelos padrões estéticos, isto porque sofrem com a relação de poder existente das relações homem X mulher, pelo patriarcado, machismo e sexismo que existem nas estruturas sociais.

Dentro do nicho mulher, as mulheres negras são mais penalizadas com a imposição de determinada beleza que na experiência da sociedade brasileira as excluem por não apresentarem os elementos que compõem o padrão. Nas palavras de Gomes:

“O corpo humano e seu fenótipo forneceram os dados a partir dos quais foram formuladas teorias que escalonaram os seres humanos. Delegaram às chamadas raças brancas o lugar de paradigma de beleza, o ápice da pirâmide estética e relegou às raças não brancas, especialmente a negra, a base da sua hierarquização — pode-se citar outras esferas da hierarquização como as das qualidades morais e intelectuais. Neste sentido, percebemos que características físicas são lastro, substrato material de qualquer processo de construção identitária, especialmente num jogo imbricado onde raça, cor e estigmas misturam-se e colocam os negros em severas desvantagens representacionais” (GOMES, 2015, p. 08).

A estética negra vem em contraponto à padronização, pautada na beleza europeia. Ela enaltece os traços negros e tudo que diz respeito à beleza negra, como tranças longas, tranças nagôs, turbantes, cabelos crespos, peles escuras, corpos voluptuosos, traços faciais negros etc. Valorizar as características negras, mostrar que também existe beleza nela e fortalecer os indivíduos negros se tornam o foco da estética negra enquanto movimento social. De acordo com os apontamentos de Nilma:

“O cabelo e o corpo são pensados pela cultura. Nesse sentido, o cabelo crespo o corpo negro podem ser considerados expressões e suportes simbólicos da identidade negra no Brasil. Juntos, eles possibilitam a construção social, cultural, política e ideológica de uma expressão criada no seio da comunidade negra: a beleza negra. Por isso não podem ser considerados simplesmente como dados biológicos”. (GOMES, 2012, p. 02)

A resistência, então, é um dos objetivos da estética negra, pois ela se apresenta contra a lógica hegemônica. Através de seus corpos e seus cabelos, os negros cultuam suas belezas com penteados, roupas, acessórios, entre outras coisas.

A construção da Negritude

A população negra incorporou elementos da branquitude em sua cultura na tentativa de ser aceita e reconhecida enquanto cidadã pertencente à sociedade. No entanto, não foi aceita pela elite branca a inserção da população negra no que diz

CABELO CRESPO E MULHER NEGRA:

respeito à estrutura social como um todo. (MUNANGA, 1988).

Toda esta situação de inferiorização da cultura negra articulada pela elite brasileira não foi aceita de maneira pacífica. A população negra, conscientizada da importância de seu papel na construção deste país e do reconhecimento enquanto cidadãos com deveres e, principalmente, direitos, tomaram a rédea de sua história, cultura, religião e identidade. Assim vemos o fenômeno social da negritude acontecer. Sobre este fato Munanga disserta:

“Esta recusa de integração que se traduz na manutenção da desigualdade por parte do dominador branco, provoca a revolta do negro e, finalmente, a ruptura com o sistema escravocrata e colonial. O negro se dá conta de que a sua salvação não está na busca da assimilação do branco, mas sim na retomada de si, isto é, na sua afirmação cultural. moral, física e intelectual, na crença de que ele é sujeito de uma história e de uma civilização que lhe foram negadas e que precisava recuperar. A essa retomada, a essa afirmação dos valores da civilização do mundo negro deu-se o nome de "negritude".” (MUNANGA, 1988, p.111)

A negritude se apresenta, portanto, como a expressão da valorização da cultura e identidade negra. Seu berço é estadunidense, logo após passou pela Europa, onde chegou à França e ganhou consistência como movimento, depois chegou à África e Américas, chegando no Brasil.

O afro-americano Du Bois (1868-1963) foi um dos primeiros a adotar o discurso de orgulho racial negro, logo seu discurso ganhou notoriedade e assim, foi considerado patrono do pan-africanismo. A origem do termo negritude é francesa, e no início do século XX tinha uma conotação pejorativa. O objetivo do movimento era justamente ressignificar e tornar o termo negritude sinônimo de orgulho a tudo que dissesse respeito à cultura e identidade negra.

“Até essa época considerava-se positivo apenas, os modelos culturais brancos que vinham da Europa. Para rejeitar esse processo de alienação, os protagonistas da ideologia da negritude passaram a resgatar e a enaltecer os valores e símbolos culturais de matriz africana” (DOMINGUES, 2005, p. 05).

A população negra e sua cultura seriam agora, mais do que anteriormente, apesar de sempre haver resistência negra, enalticida e vista a partir do viés positivo, a autoimagem seria construída a partir de alicerces que contavam a importância do negro nas sociedades. Abandonando assim a imagem depreciativa que os negros carregaram

graças ao imaginário social difundia pelos europeus.

Segundo Abdias Nascimento:

“Cabe mais uma vez insistir: não nos interessa a proposta de uma adaptação aos moldes da sociedade capitalista e de classes. Esta não é a solução que devemos aceitar como se fora mandamento inelutável. Confiamos na idoneidade mental do negro e acreditamos na reinvenção de nós mesmos e de nossa história. Reinvenção de um caminho afro-brasileiro de vida, fundado em sua experiência histórica, na utilização do conhecimento crítico e inventivo de suas instituições golpeadas pelo colonialismo e pelo racismo. Enfim reconstruir no presente uma sociedade dirigida ao futuro, mas levando em conta o que ainda for útil e positivo no acervo do passado” (apud DOMINGUES, 2005 p. 01).

O movimento de negritude de uma forma geral foi difundido pelos intelectuais negros, portanto, eram compostos por escritores, intelectuais, músicos, artistas etc. Por ter sido idealizado e difundido por pessoas mais próximas das elites, o movimento de negritude foi alvo de críticas que teciam argumentos que diziam que o movimento não atingia as massas africanas que, por sua vez, permaneciam reproduzindo a lógica de branqueamento imposta pelos colonizadores.

Em nosso país, a negritude teve como precursor Luís Gama, advogado e abolicionista, porém, as ideias da negritude foram difundidas na década de 1940 pelo TEN, Teatro Experimental do Negro, em um período em que os pensamentos da negritude estavam borbulhando.

Dentro da experiência brasileira, também, houveram críticas a negritude, isto porque os intelectuais que faziam parte do movimento nunca apresentaram medidas efetivas para a subalternação que era imposta à população negra, apesar do movimento ter cunho político, filosófico e cultural.

Cabelo como Objeto de Resistência nos EUA

O cabelo como objeto de resistência contra a lógica hegemônica do padrão de beleza eurocêntrico é algo antigo nos movimentos negros. O movimento “Black Power” tem início na década de 1920 ele continha propostas políticas, sociais e culturais envolta do universo da população negra, Marcus Garvey, um comunicador, empresário e ativista jamaicano surge como precursor do movimento. A beleza negra é exaltada, cabelos

CABELO CRESPO E MULHER NEGRA:

crespos ganham força neste contexto.

Na década de 1960 nos Estados Unidos da América, o “Black Power” ganha notoriedade na luta dos direitos civis, assim como no Brasil, os EUA possui um passado de economia pautada na mão de obra escrava. Ao término do período da escravidão, como no Brasil, os negros não possuíam direitos garantidos, muito menos políticas públicas voltadas para a reparação dos danos causados à população negra pelo período escravocrata.

Em 1964 surgiram os direitos civis que além de não garantir nenhum direito ao indivíduo negro americano, o diferenciava do branco. Neste cenário surge uma guerra civil americana, pois os negros não aceitaram pacificamente esta situação e passaram a lutar por seus direitos. Ainda neste mesmo ano, após discursos e articulações do movimento negro estadunidense, passou-se a considerar negros e brancos cidadãos iguais perante a lei.

A mudança de pensamento racista, no entanto, não foi alcançada tão rapidamente e com tanta eficácia, o comportamento da sociedade americana continuava o mesmo em relação aos negros, isto é, a população negra continuava fadada ao papel de subalternidade. Em 1966, surge na cidade de Oakland, Califórnia, o Partido dos Panteras Negras, uma organização política extraparlamentar socialista norte-americana e com ligação ao nacionalismo negro, fundado por Huey Newton e Bobby Seale, os panteras negras se mantiveram ativos até 1982.

O partido tinha como objetivo patrulhar os guetos americanos para proteger a população negra da brutalidade policial, posteriormente, o partido cresceu e ganhou novas finalidades, tornando-se um grupo revolucionário marxista.

Dentro deste contexto de lutas por direitos civis, ações violentas contra força policial bruta e reivindicações de reconhecimento histórico e importância da atuação da população negra na construção da sociedade americana, o cabelo, também, é um objeto de luta. A população negra utilizava os cabelos naturais como forma de enaltecer a beleza negra e mostrar que o que é negro também é belo.

Em um contexto em que ser negro é sinônimo de ser marginalizado pelos seus traços, corpo, cabelo, cultura, religião, forma de se vestir e de se expressar, o cabelo ganha notoriedade na luta como forma de resistência.

Cabelo como Objeto de Resistência no Brasil

No Brasil, não foi diferente, a população negra também se articulou e lutou contra as injustiças herdadas do período escravocrata. Apesar de não termos um partido a exemplo do que foi o Partido das Panteras Negras nos EUA, o Movimento Negro Unificado sempre esteve presente na luta nas demandas da população negra.

A formação da identidade brasileira tem, obviamente, contribuição importante da população africana, uma vez que os negros africanos foram trazidos para o Brasil para servir de mão de obra escrava e, apesar de não serem incluídos nos processos que dizem respeito à cidadania brasileira, os negros sempre estiveram presente no processo de construção da sociedade brasileira.

(...) estruturas hierárquicas, administrativas, jurídicas e classificações sociais. Os avanços tecnológicos alcançados no continente africano, como as plantações com tecnologias avançadas para época, a criação de gado, a metalurgia, o comércio, a escrita, as formas de manifestação artísticas e o urbanismo utilizado nos centros urbanos forneceram mão de obra especializada para aqueles que compravam mão de obra escrava. Além das formas de organização política, as distribuições territoriais e as diferentes formas de elaboração intelectual constituem heranças importantes no processo de incorporação da população africanizada escravizada à população do Estado em formação (SANTOS, 2006, p. 07)

A identidade brasileira, no entanto, é elitista, sendo assim, não reconhece e reluta até os dias atuais para reconhecer a importância do negro para a sociedade como um todo. Na construção da identidade brasileira o negro sempre surge no papel de escravo e são ignorados todos os símbolos de sua cultura que foram incorporados à cultura brasileira.

Na luta contra a marginalização a população negra, ex-escravos, libertos e seus descendentes, criou grêmios, clubes ou associações com o intuito assistencialista, recreativo e/ou cultural. Essas organizações possuíam um número considerável de negros associados. Havia também as associações compostas estritamente por mulheres negras.

CABELO CRESPO E MULHER NEGRA:

Concomitante a essas associações surgiram também a denominada imprensa negra, que se tratava de jornais elaborados e produzidos por negros que tinha pretensão de atender a esta população passando a informação de forma que atendessem aos negros.

“Esses jornais enfocavam as mais diversas mazelas que afetavam a população negra no âmbito do trabalho, da habitação, da educação e da saúde, tornando-se uma tribuna privilegiada para se pensar em soluções concretas para o problema do racismo na sociedade brasileira. Além disso, as páginas desses periódicos constituíram veículos de denúncia do regime de “segregação racial” que incidia em várias cidades do país, impedindo o negro de ingressar ou frequentar determinados hotéis, clubes, cinemas, teatros, restaurantes, orfanatos, estabelecimentos comerciais e religiosos, além de algumas escolas, ruas e praças públicas” (DOMINGUES & SILVA apud. DOMINGUES, 2007, p. 26).

Apesar de haver bastante movimentação por parte dos negros, o movimento negro unificado ainda não possuía um discurso político consistente e que abarcasse as reivindicações e demandas dos negros e negras brasileiros/as.

Este cenário teve mudança com a fundação da Frente Negra Brasileira em São Paulo em 1931, que possuía um discurso mais deliberado em relação às reivindicações políticas, além disso, a FNB era considerada a sucessora do Centro Cívico Palmares. Outro aspecto a ser ressaltado é que a FNB foi a organização negra com maior notoriedade, conseguindo transformar o Movimento Negro Brasileiro em movimento de massa, além de atingir a marca de mais de 20 mil associados. De acordo com Domingues:

“A entidade desenvolveu um considerável nível de organização, mantendo escola, grupo musical e teatral, time de futebol, departamento jurídico, além de oferecer serviço médico e odontológico, cursos de formação política, de artes e ofícios, assim como publicar um jornal, o A Voz da Raça”. (DOMINGUES, 2006, p. 106).

Com o surgimento do Estado Novo, a repressão contra qualquer tipo de movimento social estava muito incisiva, e com isto, a FNB foi extinta. Depois do período do Estado Novo, surgiram outros movimentos que também possuíam pautas de demandas da população negra, tal como o Movimento Negro Unificado.

Em todas estas articulações políticas negras ao longo da história do Brasil, sempre esteve presente às mulheres negras, que também possuíam suas associações,

grêmios, movimentos etc., que buscavam lutar pelos seus direitos, enquanto não somente negra, mas também, como mulher.

Em todos estes períodos de movimentos, a estética negra era ressignificada pelos negros, e, portanto, cabelos, hábitos, culturas, estética, roupas, religiões, entre outros, eram motivos de orgulho. Por estarem inseridas em uma sociedade que é, não somente racista, mas, também, machista e sexista, as mulheres negras sofrem com o alçoz do padrão estético, principalmente, no que diz respeito aos seus cabelos crespos.

Sobre influência do movimento americano “Black is Beautiful” que levantava a bandeira da beleza negra, chegava ao Brasil, inicialmente nas cidades de São Paulo e Rio de Janeiro, e posteriormente se expandindo por todo o país, uma onda de enaltecimento da estética negra.

“Os negros que trabalhavam neste movimento, visando criticar, desafiar e alterar o racismo, sinalizavam a obsessão dos negros com o cabelo liso com reflexo da mentalidade colonizada. A população saiu às ruas, com os cabelos Black Powers, trançados, ao natural, mostrando o orgulho de ser negro. Essa estética é um reflexo às origens diaspóricas como um dos principais movimentos de resistência à exclusão da população negra”. (CLEMENTE, 2010, p. 8).

Notamos a importância do cabelo na construção da estética negra na assimilação da população negra entre seus cabelos e sua autoestima, além de se mostrar para a sociedade com o orgulho de serem negros e negras, orgulha de suas histórias.

Rompendo as Correntes do Padrão Estético

A fim de fugir desta discriminação, diversas mulheres negras se submetem aos métodos cosméticos, como o alisamento capilar, com o objetivo de se aproximar dessa estética branca, entretanto, mesmo após esses alisamentos capilares algumas mulheres permanecem insatisfeitas com sua aparência.

Como resposta ao fenômeno do alisamento e ao baixo grau de satisfação com sua aparência, algumas mulheres negras estão indo contra a lógica racista e se apoderando de seu cabelo no sentido de assumi-lo e, conseqüentemente, transformam essa ação em ato político. O ato político exercido através da ação de assumir o cabelo crespo/cacheado pelas mulheres negras tem relevância dentro da nossa estrutura,

CABELO CRESPO E MULHER NEGRA:

porque vai contra o que é imposto para essas mulheres. Nilma Gomes disserta:

“O cabelo do negro na sociedade brasileira expressa o conflito racial vivido por negros e brancos em nosso país. É um conflito coletivo do qual todos participamos. Considerando a construção histórica do racismo brasileiro, no caso dos negros o que difere é que a esse segmento étnico/racial foi relegado estar no pólo daquele que sofre o processo de dominação política, econômica e cultural e ao branco estar no pólo dominante. Essa separação rígida não é aceita passivamente pelos negros. Por isso, práticas políticas são construídas, práticas culturais são reinventadas. O cabelo do negro, visto como “ruim”, é expressão do racismo e da desigualdade racial que recai sobre esse sujeito. Ver o cabelo do negro como “ruim” e do branco como “bom” expressa um conflito. Por isso, mudar o cabelo pode significar a tentativa do negro de sair do lugar da inferioridade ou a introjeção deste” (GOMES, 2002, p. 03).

Não é raro encontrar mulheres negras relatando o encontro consigo mesma a partir da ação de aderir o cabelo crespo/cacheado, o cabelo natural. Segundo a autora Nilma Gomes:

“Estamos, portanto, em uma zona de tensão. É dela que emerge um padrão de beleza corporal real e um ideal. No Brasil, esse padrão ideal é branco, mas o real é negro e mestiço. O tratamento dado ao cabelo pode ser considerado uma das maneiras de expressar essa tensão. A consciência ou o encobrimento desse conflito, vivido na estética do corpo negro, marca a vida e a trajetória dos sujeitos. Por isso, para o negro, a intervenção no cabelo e no corpo é mais do que uma questão de vaidade ou de tratamento estético. É identitária” (GOMES, 2002, p. 03).

Ao processo de rompimento com a lógica de branqueamento da estética e o período em que se espera que a química de alisamento ou efeitos de alisamentos causados por instrumentos que alisam os cabelos saiam dos fios é dado o nome de transição capilar. Este momento é o início de uma reconstrução da identidade, pois, anteriormente, o significado do cabelo crespo para essas mulheres possuía sentido pejorativo. A partir deste momento de transição, ocorre a mudança de sentido do cabelo para as mulheres ganhando conotação positiva.

O Big Chop (BC) é o momento logo após a transição capilar. Big Chop tem origem no inglês americano e significa “grande corte”. O grande corte se trata do momento em que a mulher negra após a transição capilar corta toda a parte do cabelo que está alisado. Este é o momento que representa a mudança que acontece internamente na concepção das mulheres sobre o que representa seu cabelo e sua estética negra.

Resultados da Pesquisa: Ouvindo as Mulheres Negras da UFRPE

Os relatos que foram ouvidos ao longo das entrevistas mostraram que as alunas foram influenciadas pelo padrão estético europeu desde muito novas. A primeira socialização delas foi com teor pejorativo em relação aos seus cabelos e sua imagem, isto é, a estética delas era carregada por uma conotação negativa que vinha da família delas. Como já vimos anteriormente nesta produção, a construção a identidade é também composta por fatores externos que são internalizados e influenciam a subjetividade do indivíduo, sendo assim, essas meninas já eram incentivadas ao branqueamento, desfocando de sua estética negra.

Juliana relatou:

“Não gostava (do cabelo), tenho uma memória de 6 ou 7 anos, pra mim meu cabelo era feio, o termo cabelo ruim era muito usado, né?! E o meu cabelo era classificado como ruim na escola, as pessoas me diziam isso de uma forma muito pejorativa, e eu não entendia porque que ele era ruim, mas eu atrelava o nome ruim ao feio, lógico né?! A própria palavra ruim significa algo negativo, então eu queria ter o bom, eu não queria ter o meu que era ruim. E em casa era muito aquela ideia de “você não pode soltar o cabelo”, “o seu cabelo não dá para a gente soltar”, então eu tenho uma recordação assim que ele era grande, um pouquinho abaixo do ombro e eu penteava ele para tentar tirar os cachinhos, tentar deixar ele bem liso e ele ficava armado, claro que ele ficava armado é o natural dele, e eu lamentava muito porque ele não ficava com o volume das outras meninas que tinham o cabelo bom, e eu não podia soltá-lo”.

Na infância já começaram o processo de alisamento químico capilar. O sentimento descrito por elas é de que, quando estavam com o cabelo natural, se sentiam feias, excluídas, não aceitas pelo seu círculo social, o passaporte para a aceitação era o alisamento dos cabelos. Este fato se torna mais curioso no caso de Karolina, pois a família dela era composta por diversas cabeleireiras, mãe e tias, nos mostrando que o esmagamento do padrão é tão eficaz que a única beleza enxergada, até mesmo por profissionais da área, é a beleza europeia.

Outro aspecto importante notado nas reflexões sobre as entrevistas é que as meninas não se consideravam negras. Sabiam que não eram brancas, que eram pardas ou morenas, mas a identidade negra ainda não era pertencida a elas. Outro ponto que chamou atenção é o sentimento de insegurança que pairava sobre elas, mesmo após o

CABELO CRESPO E MULHER NEGRA:

alisamento feito, mostrando que a química em busca da aceitação não as completava, não as deixavam se auto-afirmarem, mesmo estando mais próxima do padrão estético imposto.

Os reflexos na autoimagem e autoestima delas eram negativos e estes construíram indivíduos que tinham sentimentos de tristezas e insatisfações. Estes sentimentos negativos foram as fagulhas para o início dos questionamentos contra a lógica hegemônica. A partir deles, surgiram indagações do que era bonito, de como o conceito de bonito é construído e o porquê os cabelos delas eram considerados ausentes de beleza.

No ápice do incômodo gerado por estes sentimentos, as mulheres que aqui foram ouvidas resolveram romper com a lógica da imposição do padrão estético, a princípio de maneira menos cientes de como esta transformação capilar perpassaria as questões externas, e as questões da forma de como se apresentar à sociedade.

Após tomar a iniciativa de não alisar mais os cabelos, as mulheres negras passam pelo segundo processo desta nova etapa com o seu cabelo, o Big Chop (BC). O BC é relatado sempre com muita emoção, pois ele simboliza o momento de liberdade, o momento em que ficou para trás o sofrimento dos alisamentos, a baixa autoestima, a insegurança, a tristeza de não de se sentir aceita e bonita. Mostra o ato político de manter o cabelo natural, usando o cabelo como símbolo de luta contra a lógica racista da estética imposta. Karoline descreveu que:

“Eu lembro que foi na ocupação (da UFRPE), eu conversei com Keroline daqui aí eu conversei com ela, eu disse “olha eu quero tirar a maior parte da química do meu cabelo” (...) mas assim foi aquilo... quando eu olhei para trás e vi meu cabelo cacheando sem o creme... eu fui tomar banho e ele enrolou e não tinha creme nenhum! Porque antes eu forçava para ele enrolar todinho. Foi uma alegria tão grande! Aí eu lembro que a gente saiu foi lá na frente, teve um festival aqui, então eu me senti linda, a pessoa mais bonita do mundo! Eu botei um vestido, sandália rasteira mesmo, não tinha trazido maquiagem porque foi nos primeiros dias de ocupação botei um rímel emprestado, mas eu me sentia a pessoa mais linda do mundo (...) me senti muito linda, foi muito incrível!”.

O momento do BC finaliza o processo de transição capilar, a partir dele a mulher negra passa a lidar com a textura de seu cabelo natural, e a enfrentar, agora através da estética, o racismo. O cabelo ganha a forma de ato político, pois externamente a mulher

passa a se apresentar contra a lógica hegemônica. Sobre a relação da construção da identidade negra com a transição capilar, Karoline pontuou:

Com certeza, porque foi a partir... Cabelo é externo, né? Foi uma coisa tão simples que me fez perceber o que eu sou internamente, que eu não me reconhecia, foi o mudar de eu parar de relaxar meu cabelo que fez eu me reconhecer que eu sou negra, o cabelo é só a cereja do bolo, como tem esse ditado, né? É só o externo que a gente só bota no externo aquilo que a gente se sente bem internamente. Não adiantava eu deixar de usar (alisamentos), passar pela transição, fazer o grande corte, cachear meu cabelo, maquiagens, essas coisas para pele negra e eu não me identificar enquanto negra, enquanto meu interno não me ver que realmente eu sou negra, é assim que eu nasci, então a minha identidade é ser mulher negra.

A negritude ganha força política também através da estética dos indivíduos, a partir do ato político de manter o cabelo crespo natural e não seguir a lógica de branqueamento elas reconheceram a identidade negra, que sempre foi creditada a elas, não por elas, mas pela estrutura social. Se, em princípio, internalizada de maneira negativa, com o processo de transição capilar e BC, esta negritude além de ter sido incorporada a identidade delas, foi ressignificada, agora, a beleza negra passou a ser enaltecida por elas e motivo de orgulho.

Todas as entrevistadas relataram que o processo de transição capilar foi um agente fundamental para o despertar das questões da negritude delas e para a construção da identidade negra delas, antes desta transformação capilar elas não se reconheciam como mulheres negras, além disso, elas disseram que o cabelo mostra uma mudança interna de pensamentos, posicionamentos, sentimentos etc. Ademais, após a transição capilar e o BC, elas passaram a refletir sobre as imposições feitas pelo sistema opressor a elas que diz respeito a outras opressões, por exemplo, o machismo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante da teoria apresentada no decorrer desta obra, chegou-se ao entendimento que a sociedade influencia a construção da subjetividade dos indivíduos que a compõem. Sendo assim, uma sociedade forjada em concepções de cunho racistas e excludentes gera grupos de indivíduos marginalizados, pois estes não se enquadram nas imposições da sociedade.

CABELO CRESPO E MULHER NEGRA:

As mulheres negras compõem um grupo da sociedade brasileira que é posto à margem, pois além de sofrerem com o racismo por serem negras, sofrem com o machismo que dita um padrão estético, que por sua vez, é fundamentado em características europeias que são tidas como superiores em relação às características das mulheres negras. Os corpos das mulheres negras tiveram a conotação de coisa, isto é, foi “coisificado” tornando-se um objeto submetido a diversas atrocidades desde o período da escravidão mantidas até os dias atuais.

Como o corpo do negro (a) é considerado como coisa, acontece uma desvalorização da posição do negro na sociedade como um todo. Neste cenário de opressão, subalternação, e inferiorização das características das mulheres negras, elas dão significados de conotação negativa e, ao passarem pelo processo de transição capilar, ressignificam suas características e reconhecem-se como pertencentes à identidade negra.

O cabelo da mulher negra tem um significado e uma relevância que vai desde a discussão de como a estética vigente na sociedade brasileira está fundamenta até à discussão de como a ditadura do cabelo liso pode interferir na subjetividade e no reconhecimento da identidade negra das mulheres. Portanto, na experiência brasileira, o tratamento dado ao cabelo da população negra exprime a tensão entre raças que existe na sociedade, o reconhecimento desta tensão ou o encobrimento dela marca a vida e as trajetórias dos sujeitos, por conta disto intervenções no corpo ou nos cabelos da população negra são mais do que simplesmente estéticas, são parte do processo identitário,

Conclui-se que o processo de transição capilar que foi vivido por estas mulheres negras fez parte do “tornar-se negro” em meio a uma estrutura que estigmatiza a população negra. A partir do momento em que as mulheres decidiram se questionar e romper com a lógica hegemônica, foi demonstrado o início da construção da identidade negra, a origem do tornar-se negro.

Ao interpretarem o uso do cabelo crespo como libertação que ultrapassa as barreiras do racismo, as mulheres negras recriam a identidade delas, pois retiram do

cabelo crespo o papel de estrito de contestação, símbolo e mecanismo político, este processo as levam para além da libertação de estigmas sobre seus corpos e cabelos, fazendo com que o entendimento de seus cabelos, corpos e subjetividade sejam ampliados.

O caminho para combater o racismo estrutural e outras opressões é longo e árduo, no entanto, existe uma parcela da população que desperta para estas questões políticas e enfrenta situações de exclusões mesmo que com mínimos atos. As mulheres apresentadas nesta obra demonstram isto, que a mudança da percepção de sua subjetividade é o pontapé inicial para mudanças mais amplas na estrutura.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARTHES, Roland. Encore le Corps. Paris. **Critique**, n. 423-424, p. 645-654, 1982.

BOURDIEU, Pierre. CHARTIER, Roger. **O sociólogo e o historiador**. Trad. João de Freitas Teixeira. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

BRAGA, Ângela Márcia da Silva. SILVA, Paula Camilla Soares. **Transição Capilar: O cabelo como instrumento de política e libertação através da identidade e suas influências**. Uberlândia, Minas Gerais, 2015.

CHIES, Jane. **Estética: as questões principais da estética, desde a antiguidade até hoje**. 2008.

CLEMENTE, Aline Ferraz. **Trança Afro: A Cultura do Cabelo Subalterno**. USP, São Paulo, 2010.

DOMINGUES, Petrônio. Movimento da Negritude: Uma Breve Reconstrução Histórica. Londrina, **Revista de Ciências Sociais**, 2005.

DOMINGUES, Petrônio. **Movimento Negro Brasileiro: Alguns Apontamentos Históricos**. 2007.

FERNANDES, Florestan. **A Integração do Negro na Sociedade de Classes**. 1ª edição FFCL/USP, São Paulo, 1964.

GOMES, Nilma Lino. **Trajetórias escolares, corpo negro e cabelo crespo: reprodução de estereótipos ou resignificação cultural?** Rio de Janeiro, Revista Brasileira de Educação, 2002.

GOMES, Nilma Lino. **Sem Perder a Raiz: Corpo e Cabelo como Símbolos da Identidade Negra**. Minas Gerais, 2006.

CABELO CRESPO E MULHER NEGRA:

GUIMARÃES, Antônio Sérgio Alfredo. Racismo e Anti-Racismo no Brasil. **Novos Estudos CEBRAP** Nº43, Novembro, p. 26-44, 2011.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural da Pós-Modernidade**. Rio de Janeiro, DP&A, 2005.

KEESING, Felix M. **Antropologia Cultural**: a ciência dos costumes. Vol. 1. Trad. José Veiga. Rio de Janeiro: Editora Fundo de Cultura, 1961.

KURY, Lorelai; HANGREAVES, Loudes; VALENÇA, Máslova T. **Ritos do Corpo**. Rio de Janeiro: Senac Nacional, 2000.

MATARAZZO, Cláudia. **Beleza 10**: um guia de cuidados para todas as mulheres. São Paulo: SENAC, 1998.

MUNANGA, Kabengele. Negritude Afro-Brasileira: Perspectivas e Dificuldades. **Revista de Antropologia** – Nº 33, São Paulo, 1990.

NACKED, Rafaela Capelossa. **Identidades em Diáspora**: O Movimento Black no Brasil. Teresina, Piauí, 2012.

PINHO, Osmundo; SANSONE, Livio. **Raça**: Novas Perspectivas Antropológicas. Salvador, 2008

RIBEIRO, Darcy. **O Povo Brasileiro**: A Formação e o Sentido do Brasil. São Paulo, Companhia das Letras, 1995.

RODRIGUES, Raimundo Nina. **Os Africanos no Brasil**. Rio de Janeiro, 1932.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Modernidade, Identidade e a Cultura de Fronteira**. São Paulo, Tempo Social, 1994.

SANTOS, Jocélio Teles dos. **O negro no espelho**: imagens e discursos nos salões de beleza étnico. São Paulo: FFLCH/USP, 1996.

SILVA, Lucas Trindade da. Colonialidade do poder como meio de conhecimento: em torno de seus limites e potencialidades explicativas. **PLURAL**, Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da USP, São Paulo, v.22.2, p.204-221, 2015.

TYLOR, Edward B. A ciência da cultura. In: **Evolucionismo cultural: textos de Morgan, Tylor e Frazer**. Trad. Maria Lúcia de Oliveira. – 2ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009. P. 67-99.

VAUGHAN, Patrícia Anne. A imagem Americana de Beleza Física e as Mudanças Provocadas pelo “Black Power” na Década de 60. **Rev. de Letras** – Nº 22 - Vol. 1/2 - jan/dez. P. 59 – 62. 2000.

Recebido em 03/09/2018

Aprovado em 25/09/2018